

ANAIS DO SETA, Número 1, 2007

## A METÁFORA AGUDA EM JOHN DONNE

Lavinia Silveiras FIORUSSI<sup>1</sup>

**ABSTRACT:** John Donne (1572-1631) was elected by his contemporaries the “King” of a “Monarchy of wit”. This research aims at considering the rhetorical implications involved in the concept of wit, as well as the value placed upon it as far as poetry is concerned. For this purpose, we have read and analyzed selected precepts and theories written in the sixteenth and seventeenth centuries, such as George Puttenham’s *Arte of English Poesie*, and Samuel Daniel’s *A Defense of Ryme*. Taking into account what was prescribed for poetry in Donne’s time, we intend to arrive at an understanding of the workings of his witty metaphors and of how they reached a high degree of success.

Em 31 de março de 1631, na cidade de Londres, morreu o poeta e deão da Catedral de St. Paul’s, John Donne. No ano seguinte, ergueu-se uma estátua de mármore em sua memória, no pátio da igreja anglicana em que pregava, e onde fora sepultado. Por ocasião dessa homenagem, o amigo e também poeta Thomas Carew compôs uma elegia fúnebre, *An Elegie Upon the Death of the Deane of Pauls, Dr. John Donne*, oferecendo um epitáfio para sua sepultura:

Here lies a King, that rul’d as he thought fit  
The universal *Monarchy of wit*;  
Here lie two Flamens, and both those, the best,  
Apollo’s first, at last, the true Gods Priest. (1994: 279)

O “monarca da agudeza”, para seus contemporâneos, teria dominado duas grandes artes: a de compor poesia e a de comunicar a palavra divina a quem ouvia seus sermões. Como poeta de agudos versos, deleitava a alta nobreza, ouvintes treinados a apreciar metáforas: “*Make me a mandrake, so I may groane here, / Or a stone fountaine weeping out my yeare*” (p. 24). Como deão de St. Paul’s, instruía as almas pela palavra, sempre engenhosa, de seus sermões: “*wee are brought to the jawes and teeth of death, and to the lippes of that whirlepoole, the grave*” (p. 577). O próprio rei Jaime I não faltava à catedral quando era Donne o pregador; aconselhava-se com ele em coisas divinas e mundanas e lhe propunha disputas sobre questões metafísicas, buscando no poder de seu engenho uma palavra em todo caso judiciosa.

John Donne (1572-1631), porém, não estava desacompanhado em seu talento para as agudezas – como diz o símile de uma de suas *Meditations*, “*No man is an Iland, intire of it self; every man is a peece of the Continent*”. De fato, viveu a época de William Shakespeare (1564-1616), Christopher Marlowe (1564-1593), Francis Bacon

---

<sup>1</sup> Doutoranda do programa de pós-graduação em literatura inglesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). Bolsista CAPES. E-mail: [lpilvares@gmail.com](mailto:lpilvares@gmail.com).

(1561-1626) e Ben Jonson (1572-1637), durante o reinado de Elizabeth I e, depois, de Jaime I. Os dois monarcas tiveram papel de patronos da arte inglesa, promovendo por exemplo as *masques* – ornamentados bailes na corte em que se reuniam, mascarados, os mais ilustres representantes da sociedade letrada. Importadas das cortes italianas, essas festas mobilizavam diversos profissionais e elevado dispêndio: moedas de ouro eram destinadas à confecção do figurino de atores e cantores que ali se apresentavam; os melhores arquitetos do reino empregavam sua técnica para dispor as partes do cenário e criar sofisticadas ilusões ópticas; pintores e escultores cuidavam das cores e formas dos painéis; poetas compunham peças e sonetos especialmente para a ocasião, em que disputavam entre si o título de mais engenhoso. Assim, os nobres ingleses levavam adiante o requinte de uma arte feita para a corte e feita por seus próprios membros. Aqueles que aspiravam a postos mais altos no círculo dos cortesãos graduados viam a possibilidade de adquirir prestígio e favores nesses momentos de sociedade com a nobreza e com o próprio monarca.

A corte era o lugar da agudeza. Ali se instaurava toda tendência de comportamento à qual o cortesão – fosse poeta, diplomata, membro do parlamento – deveria aderir para continuar usufruindo do convívio com quem de fato detinha poder. Como se aprende com Norbert Elias, em seu detalhado estudo sobre as cortes absolutistas européias, os freqüentadores desses meios socialmente distintos tinham não só uma função social, mas uma *profissão social* (1993: 216). Ora, esse era o caso também dos poetas: dependentes de uma rede específica de favores, seus poemas eram compostos segundo o gosto definido dentro da corte. Não eram outros os leitores de sua poesia senão seus próprios pares, cortesãos como eles; por esse motivo, chamavam as composições desse momento de *courtly poetry*, ou “poesia de corte”. John Donne, como muitos outros, jamais publicou seus poemas em livro. Seus manuscritos eram entregues pessoalmente a quem interessavam e daí circulavam em cópias, passando pelas mãos de duques, condes, marquesas e baronesas. A fama de poeta engenhoso formou-se gradualmente. Sua presença era requerida nas reuniões sociais da corte, e poemas seus eram encomendados para diversas ocasiões, como canções para bodas e aniversários ou elegias fúnebres para mortos eminentes. Em decorrência das amizades granjeadas em torno de seu engenho, Donne recebeu de Jaime I o cargo de deão da catedral de St. Paul’s, a mais importante de Londres. Izaak Walton, na biografia um tanto fantasiosa que fez de Donne, em 1640, reforçaria a imagem do poeta como amigo do rei:

The King had formerly both known and put a value upon his company, and had also given him some hopes of a state-employment; being always much pleased when Mr. Donne attended him, especially at his meals, where there were usually many deep discourses of general learning, and very often friendly disputes, or debates of religion. (Walton, 1914: 09)

Assim se evidencia o prestígio associado a quem carregasse, como Donne, a comenda de monarca do *wit*.

O próprio conceito de *wit* é antigo: é tradução do grego *asteion*, formulado na *Retórica* de Aristóteles na categorização sobre as transferências metafóricas. O entendimento aristotélico de que a metáfora está na base de um discurso brilhante envolve necessariamente o *wit*, pois a agudeza do estilo é capaz de afetar o ouvinte. O termo *asteion*,

traduzido para o latim como *urbanitas* (por relacionar-se à sutileza típica dos instruídos, dos habitantes da *urbs*, em oposição à rudeza dos camponeses), abrange os significados de “agudeza” e “argúcia”, e teve na tradição seiscentista outros correlatos, como “engenho”, “elegância”, “sagacidade” e “graça”. Nas definições de *wit* tiradas do *King James Dictionary*, de 1611, há sempre referência a algum tipo de *associação de idéias*, principalmente aquelas que causam surpresa ou denotam uma certa sagacidade para estabelecer relações e transferir significados. A segunda acepção do termo nesse dicionário aponta o seguinte: “2. *The association of ideas in a manner natural, but unusual and striking, so as to produce surprise joined with pleasure. What oft was thought, but neer so well expressd.*” Percebe-se então que o *wit* reside na capacidade de tornar *expresso* um pensamento de modo surpreendente, arguto, sagaz, seja pela invenção de uma metáfora, de um paradoxo ou de um símile que deleite ou provoque riso.

O perfeito domínio das práticas retóricas, assim, firma-se como indispensável no contexto da obrigatoriedade da agudeza. Não por acaso, a partir da segunda metade do século XVI, retores, gramáticos e poetas ingleses escreveriam suas preceptivas em vernáculo, colocando ao alcance do público letrado e discreto todo o regramento e a codificação de retórica elaborados desde os gregos e latinos, e atualizados para a circunstância específica de quem escrevia em seu idioma. A cada instante, esses tratados de retórica e poética preceituavam a agudeza das metáforas, a propriedade na invenção da matéria e a justa aplicação e disposição de figuras e tropos na elocução dos poemas. Embora imprescindível para a eficácia do poema, nota-se que a via de acesso à agudeza era tema polêmico entre os preceptistas: havia divergência em questões acerca do estilo, como a definição e a delimitação do que seria obscuro em poesia, ou sobre quais seriam os parâmetros para a imitação em cada gênero; como na *disputatio* acadêmica, apresentavam-se os argumentos escolhidos. George Gascoigne, em 1575, faz uma comparação que dá idéia das sutilezas envolvidas na preceituação: “*for the haughty obscure verse doth not much delight, and the verse that is too easy is like a tale of a roasted horse*” (in Vickers, 2003: 167). É tênue a linha que separa o verso obscuro daquele simples demais, por ser uma divisória móvel e dependente de diversos conceitos. Formou-se assim uma arena de debates em torno da poesia, em que cada autor procurava legitimar sua perspectiva e preferência por um ou por outro estilo. Por um lado, contava-se com a autoridade dos antigos para dar peso ao que se dizia; por outro, permitia-se a justificação *pelo uso*, ou seja, tomar certos costumes contemporâneos como contribuições benéficas aos costumes antigos. Em todo caso, uma lista de razões deveria acompanhar a escolha de argumentos, sem uma adesão *a priori* a nenhum dos lados. É o que se lê no célebre tratado de Samuel Daniel, *A Defence of Ryme*, de 1603:

Me thinks we should not so soone yield our consents captiue to the authoritie of Antiquitie, vnlesse we saw more reason: all our vnderstandings are not to be built by the square of Greece and Italie. (Daniel, 1998)

Diante desse *modus operandi*, evidencia-se que a preceituação feita à poesia passava, antes, por um sofisticado processo de argumentação que, se bem sucedido, outorgava à palavra do autor autoridade e, em alguns casos, fama. Assim como na poesia do Seiscentos, também na preceptiva os argumentos brilhantes eram aqueles em

que a agudeza aparecia. Os poetas participavam do debate, e os poemas aclamados pelo público cortesão serviam de exemplo nos tratados e preceptivas. Instruídos em retórica antiga e formados geralmente em Direito Canônico de base romana, os poetas aprendiam a imitar e superar seus modelos de poesia e oratória; daí advém uma poética regrada, em que a apropriação sofisticada da matéria antiga gera um tipo singular de poesia. De um lado, devedora de lugares, invenções e tópicos poéticos, de mitologias, de argumentos: algumas elegias de Donne falam de Ledas e Cíntias, cupidos e oráculos; cenas inteiras dos *Amores* de Ovídio aparecem na poesia lírica; suas figuras de elocução têm nomes gregos e latinos: paronomásia, anáfora, epizêuxis, *gradatio*, epístrofe. De outro lado, porém, é fervoroso o debate seiscentista acerca da rima (herança da poesia vernacular); sobre os gêneros de composição (que matéria caberia nos novos sonetos?); sobre a métrica dos poemas escritos em inglês (a dificuldade do hexâmetro ou a facilidade do pentâmetro iâmbico?). Fazia-se indispensável que os “novos costumes” passassem pelo crivo da prudência e do juízo.

A Inglaterra e seus cortesãos, porém, não estavam sozinhos no apreço pela agudeza e na instrução em retórica: era o tempo dos espanhóis Luis de Góngora y Argote (1561-1627) e Francisco de Quevedo (1580-1645), do alemão Martin Opitz (1597-1639), dos franceses Jean de Sponde (1557-1595) e Jean de la Céppede (1548-1623), do italiano Giambattista Marino (1569-1625), dos portugueses da *Fênix Renascida* e do *Postilhão de Apolo*. Culturalmente, o caráter “insular” não separava a ilha das tendências cultas do continente. De fato, Samuel Daniel refere-se a sua terra natal como “*this vniuersall Iland*”. Outro poeta contemporâneo, John Lyly, explica por que viviam em uma “ilha universal”: “*Trafficke and travell hath woven the nature of all Nations into ours, and made this land like Arras, full of devise*” (apud Weimann, 1984: 227). O comércio entre nações européias, as viagens diplomáticas, a tradução para o inglês de textos escritos em outras línguas vernáculas, as expedições marítimas, as longas excursões de veraneio e, antes de tudo, a fina instrução nas autoridades antigas tornavam os letrados insulares mais europeus do que ingleses. John Donne, como seus pares, participou de várias expedições diplomáticas ao continente, principalmente à Espanha, à Itália e mesmo aos Açores portugueses, em ocasiões diversas. Há, por exemplo, um célebre retrato seu em que aparece em trajes e pose tipicamente espanhóis, como um *ingenioso hidalgo*, ilustrando seu estreito contato com aquela cultura de corte. Daí, a poesia e os tratados de Dante e Boccaccio, os sonetos de Petrarca ou os versos místicos de San Juan de la Cruz, poderem ser de maior relevância para a poesia de Donne do que, a princípio, os poemas ingleses dos séculos XIV e XV. Da mesma forma, quando se lêem as preceptivas inglesas, comprova-se que são, em larga escala, devedoras de seus modelos continentais, e, ainda, que tratam das mesmas tópicas que aquelas, embora com variações. Como Francis Bacon e outros contemporâneos, Donne era leitor de Sêneca, Plínio, Cícero, Dante; também lia os ensaios de Michel de Montaigne (1533-1592), conhecia a “nova filosofia”, como diz, de Copérnico (1473-1543) e a lente de aumento de Galileu (1564-1642). Em seus poemas, tópicas antigas como a susceptibilidade do amor aparecem ao lado de matérias contemporâneas tiradas de um conhecimento compartilhado pelos cortesãos europeus, como as novas descobertas sobre os astros e o firmamento; é o que vemos nos versos de *An Anatomie of the World* (c. 1611):

And new Philosophy calls all in doubt,  
The Element of fire is quite put out;  
The Sunne is lost, and th'earth, and no mans wit  
Can well direct him where to looke for it.  
And freely men confesse that this world's spent,  
When in the Planets, and the Firmament  
They seeke so many new; they see that this  
Is crumbled out againe to his Atomis.

Encontram-se nas metáforas do “sol perdido” e de um “mundo gasto” invenções regidas pelo critério retórico que preceitua a agudeza, e tiradas de matéria que apareceria em poemas de corte seiscentistas em outras partes da Europa. A variedade na escolha da matéria poética põe em evidência a *versatilidade* do poeta, outra categoria de valor vigente no Seiscentos.

Resta saber, no entanto, que posto a história literária tem atribuído à agudeza dos versos de Donne. Embora nem sempre tenha abarcado um valor positivo, o *wit* esteve sempre no centro do julgamento crítico de sua obra. A aproximação de coisas distantes, ao lado da habilidade em inventar o inesperado, prenderam a atenção tanto de Samuel Johnson (1709-1784) quanto de T. S. Eliot (1888-1965), poetas e críticos que exerceram influência significativa na apreciação da poesia donneana. Ambos a qualificaram com relação ao apelo à sensibilidade que promove através de metáforas brilhantes e paradoxos especulativos. Johnson deu o rótulo: poesia “metafísica”; Eliot formulou o conceito que iria reabilitar a poesia de Donne no início do século XX: seus versos contêm um pensamento que afeta a sensibilidade. Embora Johnson reforçasse o caráter agudo dos poemas, isso não serviria para redimir o que ele considerava o mau-gosto da poesia “metafísica”, isto é, a junção desarrazoada de imagens distantes que, a despeito da agudeza, produziriam um efeito de obscuridade prejudicial para o entendimento do poema (Johnson, 1984: 677). Ora, é justamente o que Johnson considerava abstruso que fascinaria Eliot e os modernistas. Em artigo de 1923, Eliot chama a atenção para as “*rapid alterations and antitheses*” (Eliot, p. 331) dos versos de Donne; diz que o poeta moderno encontra a todo momento nos poemas a agudeza potencial e a realizada, e assim “alivia sua sede” de ver a agilidade do pensamento produzir efeitos de comoção sem par.

Tal apreciação gerou interesse pela poesia de Donne, e uma série de estudos foram feitos acerca de seus poemas, seus sermões e sua vida. A partir da década de 1950, alguns pesquisadores voltaram-se à análise da agudeza como efeito prescrito pelas preceptivas retórico-poéticas coetâneas, calculado pelos poetas que a produziam e valorizado pelos leitores de poesia. É o caso do estudo pioneiro de Rosemund Tuve, *Elizabethan and Metaphysical Imagery: Renaissance Poetic and Twentieth-Century Critics*. Nessa obra, a autora advoga em favor de uma consideração pormenorizada dos critérios que estavam em uso para quem compunha poesia, oferecendo uma inspeção detalhada de alguns deles. A proposta de Tuve de recuperar categorias do passado encontra-se refletida no trabalho de certos historiadores que, a partir da década de 1960, propõem uma inspeção no terreno da retórica seiscentista, tirando de lá diversas preceituações para a agudeza em poesia. Podem-se citar, por exemplo, os estudos dos

professores ingleses Brian Vickers, Quentin Skinner e Peter Burke. No Brasil, igualmente encontramos trabalhos que colocam em evidência o caráter retórico da poesia e da prosa escritas em português no século XVII, como os estudos feitos pelos professores João Adolfo Hansen, Alcir Pécora e Adma Muhana, entre outros. Por fim, a última novidade relacionada aos estudos de Donne é a edição norte-americana batizada de *Donne Variorum*: um esforço conjunto de diversos professores e pesquisadores para publicar, em oito volumes previstos, toda a fortuna editorial dos poemas donneanos. Com essa iniciativa, chega-se mais perto de um entendimento de seus poemas como *poesia de corte*, ou seja, dentro de uma contingência que é a tradição de manuscrito.

Seguindo, pois, um viés crítico que pensa a poesia seiscentista historicamente, nossa pesquisa procura traçar os caminhos da agudeza na poesia de John Donne, *esquire*. O primeiro capítulo, assim, examinará as manifestações da agudeza na corte que Donne freqüentava, com o intuito de averiguar o valor posto sobre o *wit* e sobre aqueles que o engendravam. Mostraremos brevemente que conversas e que tipos figuravam nos sofisticados bailes de máscaras, nos palcos de teatro e de recitação de versos (os mais agudos eram os mais louvados); como eram marcadas as relações entre os poetas e seus favorecedores (a agudeza era atributo de prestígio); as etiquetas seiscentistas que guiavam todo comportamento cortês (a agudeza como código); enfim, a escolha de Donne, por seus leitores históricos, como porta-estandarte do *wit*. No segundo capítulo, tiramos da leitura e análise de preceptivas selecionadas os critérios e valores de uma poesia regrada. Serão discutidos as definições de engenho e agudeza, a eleição de tropos e figuras que melhor atendem a versos agudos, a teoria dos gêneros, o escrutínio da metáfora, as polêmicas definições de obscuridade, as querelas acerca da rima e da metrificação, os modelos de imitação e o valor da emulação, a obrigatoriedade da persuasão e do deleite etc. Daí, pretende-se retraçar o estado da poesia seiscentista no que se refere à modelação da agudeza. No terceiro capítulo, será a vez da metáfora aguda dos versos donneanos; considerando as etapas de invenção e elocução, bem como a diferenciação dada a cada gênero poético, veremos que a escolha da matéria e das palavras obedece a diretrizes particulares para a elaboração desse tipo de metáfora. O poeta será tido como engenhoso e versátil quanto mais conseguir variar suas tópicas, causar surpresa e admiração introduzindo a coisa nova (como as recentes descobertas), imitar adequadamente o modelo mais apropriado (dominando os estilos), seguir (com uma maleabilidade prevista) o decoro, reciclar matéria e estilo clássicos. Por último, trataremos sinteticamente da recepção à poesia de Donne, sempre investigando a valorização ou não da agudeza de suas metáforas.

---

#### Referências Bibliográficas:

- DANIEL, S. (1998 [1603]) *A Defence of Ryme: against a Pamphlet entituled: Observations in the Art of English Poesie. Wherein is demonstratiuely proued, that Ryme is the fittest harmonie of words that comportes with our Language.* Ed. by G. B. Harrison, R.S. Bear. Oregon: University of Oregon Press.
- DONNE, J. (1994) *The Complete Poetry and Selected Prose of John Donne.* Edição e introdução de Charles M. Coffin. New York: The Modern Library.
- ELIAS, N. (1993 [1939]) *O processo civilizador.* Volume II. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- ELIOT, T.S. (1923) "John Donne", in *The Nation and the Athenaeum.*

- GASCOIGNE, G. (1575) "*Certayne notes of Instruction concerning the making of verse or ryme in English*". B. Vickers, *English Renaissance Literary Criticism*. Oxford: Clarendon, 2003.
- JOHNSON, S. (1984 [1779]) "Life of Cowley", in *Samuel Johnson – A Critical Edition of the Major Works*. Oxford: Oxford U. P.
- WALTON, I. (1914) *Lives of John Donne and George Herbert*. New York: P.F. Collier & Son.